

Esse povo, que anda pelas ruas, protesta, foge, corre, reclama, o que quer? O que deseja?

Esse povo que clama por mudanças, clama e reclama, movimenta-se, ergue a voz, o que quer? O que deseja?

Esse povo nas ruas, nas redes, nas rodas, nas bancas, nos bares, nos campos e nas cidades, o que quer? O que deseja?

Esse povo que sonha, esse povo que somos nós, esse povo... Queremos que algo mude. Mas não um mero mudar sem sentido. Queremos mudanças para melhor. Queremos paz, justiça e cidadania.

E nesse querer, nesse desejar, nós, o povo, andamos. Sempre em movimento. Tráfego de vidas, de ideias e de sentimentos. Andamos “para cima e para baixo” vivendo nossas vidas em eternos ciclos de desejo, clamor e esperança.

Ecoamos aqueles filósofos que andavam para cima e para baixo pelas colonadas do Liceu de Atenas. Eram os peripatéticos. Seguiam um professor, Aristóteles, que não era cidadão. E não podia ensinar nos ambientes convencionais. Ensinava em movimento.

Podemos nem sempre entender de filosofia, mas também aprendemos em movimento. Movimento forçado, porque as limitações impostas pela exclusão de cidadanias nos obrigam a mover. Movimento limitado, pois tudo aquilo que atenta

contra a paz nos impede de livremente mover. Movimento motivado, por desejo de justiça. Muitas vezes, a nossa justiça.

Há um pequeno canto de Taizé que diz que o “Reino de Deus é paz e justiça, e gozo no Espírito Santo”. Termina com uma aclamação: “Cristo, vem abrir em nós as portas do teu Reino”.

Mas realmente queremos abrir as portas desse Reino? Temos preparo para receber alegremente a paz que antes porá irmão contra irmão, a justiça, que se manifesta por essa paz tal como espada afiada e a cidadania que nos dá pertença a esse reino?

Ai de Jonas, aquele profeta titubeante. Andava para lá e para cá pregando a linguagem de um deus destruidor, que busca virtude e ortodoxia, que deseja adoração e arrependimento dos estrangeiros pouco ilustrados. Jonas fazia suas peripécias peripatéticas. Estava sempre em movimento, clamando por paz, justiça e cidadania.

E nesse movimento, no clamor e na profecia, algo de novo aparece. O povo se converte. Muda. Aceita as mudanças. Aprende com os ensinamentos de Jonas. Junta-se a ele no clamor por paz, justiça e cidadania. E Deus lhes garante sua paz, trazida por uma nova fé, impõe-lhes sua justiça, com o perdão da condenação e a oportunidade de recomeçarem, abrindo-lhes as portas da cidadania no Reino de Deus.

Jonas pregava paz, justiça e cidadania, mas não as de Deus, e

sim as suas. Queria a paz advinda da destruição do diferente, a justiça consubstanciada em punição e a cidadania apenas para os escolhidos e especiais.

Muitos clamam por justiça, mas na verdade querem a sua justiça. Conta-nos o Mestre de um fazendeiro que saiu às ruas chamando pessoas outrora indigentes a fim de trabalharem em sua colheita. Eram pessoas que precisavam de trabalho, buscavam qualquer coisa para ganhar sua diária.

E incessantemente os achou. Achou-os por todo lugar, em todas as horas do dia, e os achou. Andou para cima e para baixo oferecendo um emprego em sua lavoura. Andou peripateticamente, e os achou.

E assim os pagou, cada qual com uma diária. Pagou igualmente desde aquela pessoa que foi achada cedo e saiu correndo com alegria sabendo que sua diária estava garantida. E pagou também àquela pessoa que passou o dia em sofrimento, mendigando pelas praças e mercados, e, na última hora, encontrou quem lhe desse oportunidade. Igualmente as pagou.

O Mestre nos explica que o Reino de Deus é como o fazendeiro que chama pessoas à sua colheita. O Reino, e não Deus. A consubstanciação da justiça divina, esse reino, é um chamar contínuo de pessoas à vida. A justiça divina não se preocupa com o passado e a vida pregressa das pessoas. Nem com o momento em que são chamadas. A justiça divina opera

por meio de caminhos distintos dos nossos.

A justiça divina manifesta-se no chamado. A justiça humana clama por meritocracia. A justiça divina percorre em busca de quem possa alcançar. A justiça humana espera que as pessoas venham a si. A justiça divina trata oprimidos e opressores por igual, oferece-lhes a mesma oportunidade. A justiça humana apresenta ao oprimidos os mesmos obstáculos que apresenta ao opressor, ainda que este tenha tido muito mais oportunidades e benesses que aquele...

A justiça divina se traduz em misericórdia. Assim como no famoso sermão de Páscoa de São João Crisóstomo, que venham ao Senhor todos quantos tenham sido encontrados.

“Existe algum amante devoto de Deus? Deixe-os desfrutar esta festa bonita e cheia de brilho! Existe algum servo grato? Deixe-os se alegrar e entrar no júbilo do seu Senhor! Há alguém fatigado com jejum? Deixá-los agora receber seus salários! Se alguém tiver trabalhado desde a primeira hora (cedo), deixe-os receber a sua recompensa devida; Se alguém veio depois da terceira hora, deixá-lo com gratidão participar da festa! E ele, que chegou após a sexta hora, não o deixe duvidar, pois ele também não deve sofrer nenhuma perda. E se alguém se atrasou até a nona hora, que ele não hesite, mas que venha também. E aquele, que chegou apenas na décima primeira hora (de última hora), que ele não tenha medo por causa do seu atraso.

Porque o Senhor é clemente e recebe o último como se fosse o primeiro. Ele dá descanso àquele que vem última hora, bem como para aquele que trabalhou desde o início. Para este Ele dá, e sobre os outros Ele guarda. Ele aceita a obras como felicita o esforço. A escritura Ele honra e a intenção Ele elogia.

Vamos todos entrar na alegria do Senhor! Primeiro e último igualmente

recebam sua recompensa, ricos e pobres, alegrai-vos juntos! Sóbrio e ocioso, celebrem o dia!

Vocês que têm jejuado, e os que não tenham, regozijai-vos hoje para a Mesa que é ricamente farta! Festeje regiamente nisso, o bezerro é gordo(significa comida farta). Que ninguém vá embora com fome.

Participamos, de tudo, do cálice da fé. Aproveite todas as riquezas da Sua bondade!

Não deixe ninguém se afligir por sua pobreza, para o reino universal foi revelado. Que ninguém se lamente de ter caído de novo e novamente,

pois o perdão foi ressuscitado da sepultura. Não deixem que ninguém

sinta medo da morte, a morte de nosso Salvador nos libertou. Ele destruiu isso por suportá-lo.

Ele destruiu o inferno quando ele desceu até ele. Ele causou tumulto, mesmo porque sua carne foi testada. Isaías predisse isso quando disse:

‘Tu, ó inferno, tem sido perturbado por encontrá-lo.’

O inferno estava em tumulto porque foi abolido.

Se tumultuou porque ele foi ridicularizado.

Se tumultuou, pois foi destruído.
Está em alvoroço, pois é aniquilada.
Está em tumulto, pois agora é feito prisioneiro.
O inferno tomou um corpo, e descobriu Deus.
Tomou a terra, e encontrou o céu.
Tomou o que viu, e foi superado por aquilo que não viu.
Ó morte, onde está o teu aguilhão?
Ó inferno, onde está a tua vitória?
Cristo ressuscitou, e vós, ó morte, estão aniquilados!
Cristo ressuscitou, e os maus são lançados para baixo!
Cristo ressuscitou, e os anjos se regozijam!
Cristo ressuscitou, e a vida está libertada!
Cristo ressuscitou, e o túmulo está vazia da morte; por Cristo ter ressuscitado da morte, é se tornar os primeiros frutos daqueles que têm adormecido.
A Ele a Glória e o Poder pelos séculos dos séculos. Amém!”

A justiça divina implica em vida. Porque o viver é Cristo, conforme a Carta aos Filipenses. O verbo utilizado pelo autor para “viver” (*politeuesthe*) não é a escolha típica para padrões de vida. Em Gálatas 5, em Filipenses 3, o verbo utilizado é *peripateite*, andar para cima e para baixo. Viver em Cristo não é um mero movimento, não é um percorrer peripatético, não é sair por aí proclamando uma justiça e uma paz que fazem sentido somente a um pequeno grupo. Trata-se de viver, num conceito muito mais amplo de lealdade cívica, com um sentido político. A mesma raiz é utilizada, ainda em Filipenses, para nos lembrar de nossa cidadania no céu. Viver em Cristo, que é ter a morte como ganho, significa partilhar

da cidadania do Reino de Deus. Significa viver de modo a honrar a mensagem de Cristo. Significa ter Cristo como Senhor.

Viver em Cristo não se dá de modo peripatético. Vive-se em Cristo mediante a cidadania do Reino.

Temos coragem, então, para viver como cidadãos(ãs) do Reino? E temos coragem de falar, com todo o coração, as palavras da liturgia que segue?